

ENTREVISTA

Um trabalho rico de possibilidades¹

A iniciativa de dar continuidade à publicação da Revista Estudos Universitários remeteu a uma memorável conversa-entrevista com o Prof^o. Jarbas Maciel², verdadeiro prodígio da cultura brasileira. Músico, matemático e filósofo pernambucano, nascido em 16 de maio de 1933, Jarbas Maciel estudou no Conservatório Pernambucano de Música, tendo sido aluno do Maestro Guerra Peixe. Bacharelou-se em Filosofia pela antiga Faculdade de Filosofia de Pernambuco e em Matemática pela Universidade da Pensilvânia em Filadélfia. Nos anos 1960 participou ativamente dos movimentos culturais da cidade, colaborando com o Serviço de Extensão Cultural da antiga Universidade do Recife (atual UFPE), criado por iniciativa do educador Paulo Freire. Após 1964 e o expurgo da equipe formada pelo escritor da *Pedagogia do Oprimido*, Jarbas continuou contribuindo com a universidade e com a produção cultural local, tendo sido um dos criadores do Movimento Armorial. Atualmente realiza pesquisa na área de Ontologia Formal (Teoria da Relação), campo filosófico no qual vem desenvolvendo um importante artigo. Quando indagado sobre o título que mais

¹ Entrevista realizada com o Professor Jarbas Maciel em 27 de novembro de 2009, por Miriam Vila Nova Maia, Dimas Brasileiro e Djanyse Mendonça. Endereço eletrônico de Miriam Vila Nova: miriamufpe@hotmail.com

² Endereço eletrônico do Prof. Jarbas Maciel: jmrecife@terra.com.br

Sobre a fundamentação teórica do sistema Paulo Freire publicada em 1963 na revista Estudos Universitários.

preza, responde: “o de ter sido aluno do maestro Guerra Peixe, um dos maiores compositores de vanguarda do Brasil, um dos mais importantes compositores dodecafonistas e um dos maiores folcloristas do país!”.

O objetivo foi chamar a atenção de Paulo e da equipe que nós estávamos lidando com uma coisa muito maior do que simplesmente um método. Não era só um método de entrar na sala de aula e alfabetizar. Toda a motivação da alfabetização é calcada em uma visão de mundo que está muito bem explicitada no chamado de Paulo. Então, a primeira intenção foi essa. Alertar que nós estávamos lidando com uma coisa bem maior. Em segundo lugar, a riqueza das ideias de Paulo, as ideias originais de Paulo, era tanta que me despertou um desejo de trazer para o método uma tecnologia lingüística que permitisse um trabalho que nunca tinha sido tentado no país. E que no frigar dos ovos nos faria realizar um grande, esse não era o ideal de Paulo, mas isso era uma grande advertência que ele não se cansava de fazer, é que a educação tem que ser permanente, não tem sentido você educar crianças ou só alfabetizar adultos e quando acabou, pronto, está acabado e “tchau”. A educação é um processo permanente. Então a gente pensava nisso, desenvolver um tratamento linguístico, em cima das ideias originais de Paulo, que nos permitisse a conclusão. O primeiro trabalho que a equipe tinha quando ia alfabetizar uma comunidade de adultos era levantar o universo vocabular. Então nós queríamos alfabetizar e fazê-los progredir. Não era somente alfabetizar. A gente ia produzir livros com universos vocabulários de quinhentas, mil, duas mil palavras, e trabalhando toda literatura brasileira, José Lins do Rego, Jorge Amado, quem fosse. Era possível fundamentar? Claro! O trabalho era riquíssimo de possibilidades. Não era uma ordem, o método não precisava, era emoldurar o método dele em uma perspectiva mais ampla. Era um sistema de educação permanente de adultos.

O impacto do golpe na produção cultural e intelectual

Foi uma tragédia. Cada pessoa tem uma maneira de reagir a um golpe desse. Eu estava muito entusiasmado com esse trabalho, e quando essa coisa ocorreu foi um choque. É como eu digo, foi uma tragédia. É como se você tivesse levado um tiro na espinha. Você fica paralisado. E cada um tem sua maneira de reagir. Não se abalou, ah meu Deus, eu não gosto nem de falar nisso. (...) O Recife ficou pequeno, foi difícil viver aqui. O Jomard, Jomard Muniz de Britto, sempre foi um intelectual de luz própria, ele tinha seus próprios projetos, e está aí, até hoje ele está por aí. Eu simplesmente parei tudo. Parei tudo realmente. E os contatos que nós tínhamos na Paraíba, eles estavam empenhadíssimos nesses objetos vocabulários. Por que se você alfabetizar e deixar, acabou. Infelizmente é uma resposta muito trágica essa minha, não é?

Elaboração do projeto e criação da TV universitária

Foi extraordinário. Quando eu voltei dos Estados Unidos, eu estava mais ou menos desempregado. E fui convidado pelo pessoal da TV Tupi para fazer um curso com o bambambam da tv brasileira. (...) Eu saí da televisão. Mas meu primeiro trabalho aqui no Brasil foi na televisão. Eu retornei em 1960. No final de 1960. Então lá na televisão, eu conheci um sonoplasta, chamado Hugo Martins, que foi importantíssimo na TV Universitária. Aí quando Edimir Régis, teve que criar a TV e o rádio, ele veio me buscar para que ajudasse a fazer a rádio. Eu disse: “ih rapaz.. Você fazer uma rádio é complicado, por causa da qualidade”. Então ele falava, “vamos fazer”. Ele era preocupado com a continuidade. E tem tão pouca gente preocupada com a continuidade das coisas. (...) “Aí ta certo”, eu disse, “vamos fazer a rádio”. Aí ele tinha um material de música que queria levar ao ar. O Hugo adorava. Ele colocava na pastinha os discos. E o povo adorava. Um belo dia quando eu estou fazendo o programa, de noite, o Edimir Régis vem e joga uma pastinha em cima de minha mesa. “O que é isso?” perguntei. “É o orçamento para nós fazermos uma TV universitária”. E disse “Edimir, essa ideia é muito boa, mas tire o cavalinho da chuva porque isso é muito caro.” “Não, mas a gente consegue o dinheiro”, afirmei “Mas a universidade não tem dinheiro para isso”. Respondeu “mas a gente consegue e é você que vai fazer o projeto”. Isso foi em 1966, 1967... Dizia “Tem que ser logo, não pode dormir no ponto”. E eu chamei o Hugo e nós fizemos o projeto. E quando estava pronto nós fomos levar para o professor Murilo, o reitor. E ele quase chora. Pegamos ele de surpresa. Eu disse “Essa é a menina dos olhos do seu reitorado”. Ele pegou na hora. A tal ponto que na hora de fazer a concorrência para ver se era a Toshiba, a Sony, ele fazia pessoalmente as concorrências (risos). E saiu a TV Universitária. Por uma ideia de Edimir Régis. Ela está passando por uma reestruturação. E isso é bom. Agora é um problema, porque a TV Universitária é problema de fazer.

O Movimento Armorial

Fui chamado (*por Ariano Suassuna*) para colocar música nas peças dele. Aí a gente fez um concerto com a orquestra de cordas da sinfônica na Faculdade de Filosofia de Pernambuco, a FAFIPE, ali na Nunes Machado, aí quando acabou o concerto eu peguei o instrumento, fechei na maleta e ia saindo então o Ariano disse, “senta aqui, senta aqui, rapaz vamos fazer o movimento”. E eu falei, “está certo, vamos fazer”. Aí fizemos. O Movimento Armorial tem um embasamento filosófico muito sólido sobre a forma de uma proposta estética genial. Mas institucionalmente não se encontrou. Você entra na casa de Ariano, é um santuário, um santuário de cultura. Gilberto Freire, hoje se fala muito pouco de Gilberto e foi uma das maiores inteligências do Brasil.

Paulo Freire

Olhe, o que eu posso te dizer, ele era um homem bom, é a primeira ideia que me vem e era profundamente culto. Ele era de uma inteligência brilhante. Paulo quando começava a falar, sei lá,

ele tinha uma técnica, ele colocava o auditório na palma da mão. Impressionante. Ele gerava uma empatia, ele levava a platéia aonde ele queria. Eu nunca me certifiquei disso, mas eu soube que Paulo, antes de fazer concurso para universidade, Paulo cantava serenatas. Aqui em Casa Forte. Não é qualquer pessoa que tem essa sensibilidade, esse poder de comunicação, só podia resultar em uma coisa excelente.

César Leal e a retomada da Estudos Universitários em 1966

O César às voltas com a revista, e eu a todo o momento dizia a ele, “César, esquece isso. Faz a tua poesia”. E ele de fato estava fazendo o “Triunfo das Águas”, que é uma poesia massuda, tipo epopéia. Poemas grandes. E naquela ocasião já estava ganhando projeção internacional. Eu fiquei muito calejado. Eu me tornei uma pessoa muito descrente. É como se você casasse, tivesse filhos e colocasse-os nos melhores colégios da cidade. E depois você vai e tira eles do colégio e diz, acabou. Não se toca mais nesse assunto. Isso não existe.